

Comunicação, hegemonia e contra-informação



Carlos Eduardo Lins da Silva
Coordenador

Copyright © do Organizador

Capa: Sérgio Papi e Sérgio Alli

Copidesque: Sônia Scoss Nicolai

Produção editorial: Helen Diniz

Revisão: Luzia Marcondes e Marlene Crespo

COMUNICAÇÃO E INTERCOMUNICAÇÃO
CONTRA-INFORMAÇÃO

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem a autorização expressa do organizador e dos editores.

Direitos para esta edição
CORTEZ EDITORA/INTERCOM)
Rua Bartira, 387 - Tel. (011) 864-0111
05009 — São Paulo — SP

1982

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Apresentação | 7 |
| <i>I. Questões teóricas</i> | |
| 1. Documento Básico do IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação | 9 |
| Anamaria Fadul, Carlos Eduardo Lins da Silva e Luiz Fernando Santoro | |
| 2. Comunicação, hegemonia e contra-informação | 17 |
| Carlos Eduardo Lins da Silva | |
| 3. Hegemonia e contra-informação: por uma nova práxis da comunicação | 25 |
| Anamaria Fadul | |
| 4. Meios de comunicação e construção da hegemonia | 41 |
| Javier Esteinou Madrid | |
| 5. Contracomunicação oficial e espontânea | 59 |
| Ciro J. R. Marcondes Filho | |
| 6. Os intelectuais, hegemonia e ideologia: uma proposta de discussão | 71 |
| Niuvenius J. Paoli | |
| 7. Indústria cultural e consciência operária: hegemonia e ideologia (indicações para um estudo) | 77 |
| Albino Rubim | |
| 8. Comunicação e teoria da hegemonia | 89 |
| Antonio Sérgio Mendonça | |
| 9. Comunicação, hegemonia e novas tecnologias na América Latina | 98 |
| Armand Mattéart | |

II. Reflexões sobre práticas

| | |
|---|-----|
| 10. A tv para o bem do Brasil | 107 |
| Gabriel Priolli Neto | |
| 11. A ação possível na indústria jornalística | 117 |
| Laurindo Leal Filho | |
| 12. Algumas reflexões sobre a imprensa dos trabalhadores no Peru | 121 |
| Alfredo Joaquín Paiva | |
| 13. Alguns fracassos e sucessos: pequena contribuição para levar o filme documentário a seu público | 131 |
| Thomaz Farkas | |
| 14. Teatro operário e contra-informação | 135 |
| Timochenko Wehbi e Dilma de Mello | |
| 15. "Media-criticism": um espaço mal-dito | 147 |
| Alberto Dines | |
| 16. Crítica cinematográfica como contra-informação | 155 |
| Jean-Claude Bernardet | |
| 17. A contra-informação como ato cultural | 159 |
| Victor Flusser | |
| 18. Tradição e vida: literatura popular em verso | 165 |
| Jerusa Pires Ferreira | |
| 19. Comunidades Eclesiais de Base e comunicação | 173 |
| Regina Festa | |
| 20. A NOMIC: contra-informação e democracia a partir do terceiro mundo | 191 |
| Rafael Roncagliolo | |
| 21. Algumas considerações a respeito da Nova Ordem Internacional da Informação | 205 |
| Tullo Vigevani | |

III. Anexos

| | |
|--|-----|
| Participantes do IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação | 217 |
| Programa do IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação | 225 |
| Nota sobre a INTERCOM | 227 |

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA

Javier Esteinou Madrid

I. APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho é formular um conjunto de hipóteses genéricas e provisórias que nos permitam retomar o estudo e a discussão sobre a função específica, estrutural e superestrutural que os meios de difusão de massas desempenham tanto no conjunto de aparelhos da hegemonia que participam do processo de reprodução do sistema capitalista, como no conjunto de relações sociais que o sustentam. Não se pretende demonstrar qual sistema de aparelhos culturais é dominante em cada formação particular (este deve ser o objetivo de pesquisas histórico-empíricas em cada sociedade determinada), mas simplesmente enunciar algumas das tendências vertebrais que se observam no desenvolvimento dos principais aparelhos hegemônicos do capitalismo contemporâneo.

Em conseqüência, não tentamos apresentar uma análise definitiva nem exaustiva sobre o caso, mas simplesmente registrar algumas reflexões de caráter teórico-histórico que contribuam para delimitar o papel específico exercido pelos aparelhos dominantes de difusão de massas dentro da sociedade civil do Estado capitalista. Com isso, ajudamos a tornar mais precisa, a partir da perspectiva da comunicação de massas, a tarefa que corresponde à superestrutura cultural e seus suportes de implementação dentro do processo de reprodução moderna do bloco histórico capitalista,

II. TENDÊNCIA DO ESTADO CAPITALISTA CONTEMPORÂNEO NA SELEÇÃO DE SEUS SUPORTES IDEOLÓGICOS

Diante dos antagonismos estruturais que geram o princípio do desenvolvimento desigual do modo de produção capitalista, a classe dominante, através dos aparelhos de Estado de sua superestrutura, regula e atenua tais contradições, com o objetivo de criar e conservar as condições de equilíbrio requeridas pela existência e pela reprodução/transformação do capital. Em condições de hegemonia burguesa, ou seja, nos momentos em que a classe dirigente mantém a coesão e a direção da sociedade por via da ação ideológico-cultural, os aparelhos ideológicos do estado (AIE) convertem-se nas instâncias políticas mais importantes para a conservação do equilíbrio da formação social. Transformam-se em elementos da maior importância para a reprodução conjuntural do sistema e em um dos reguladores constantes da relação base-superestrutura e do bloco histórico capitalista. A partir disso, a estrutura global da formação social alcança sua estabilidade autoritária e vertical por meio da ação cultural.

O Estado capitalista contemporâneo, diante da necessidade de aplicar sua política de dominação cultural paralelamente a seu projeto global de sujeição social, vê-se obrigado permanentemente a selecionar as instituições superestruturais mais apropriadas para difundir e inculcar, o mais extensa e intensamente possível, sua racionalidade de dominação sobre os múltiplos campos culturais dos diversos grupos sociais, especialmente sobre aqueles que constituem o suporte da formação capitalista: a força de trabalho assalariada e o setor subalterno em geral. Para isso, pratica cuidadosamente uma política de seleção de meios, instrumentos e sujeitos de implementação ideológica, com o fim de eleger, segundo as necessidades conjunturais provocadas pelos diversos momentos da dinâmica da luta de classes, os recursos mais adequados para alcançar o maior grau de dominação ideológica que lhe permita impor, coletivamente, sua concepção particular da sociedade como o padrão cultural de referência social e de atuação imperante. Ou seja, transformar sua ideologia de classe singular em dominante.

Esta política de seleção de aparelhos ideológicos pelo Estado capitalista não é homogênea nem uniforme. Ela varia segundo as diversas necessidades de cada fase e a conjuntura histórica atravessada pela reprodução do capital. Em cada uma delas, o sistema cultural mais avançado ou a combinação dos aparelhos mais desenvolvidos é escolhido pela classe dirigente como a instância cultural mais apropriada para instaurar sua hegemonia dentro da infinita gama de formações ideológicas que se enfrentam a nível superestrutural.

A função desses aparelhos ideológicos privilegiados por seu alto grau de funcionalidade para o projeto de desenvolvimento dominante consiste em implantar o programa de sujeição cultural requerido pela estabilidade do sistema social. Isto significa que, por meio destas instituições culturais, o setor dirigente produz, circula e inculca sua ideologia de classe no poder sobre as superestruturas de consciências da formação social. É através deles, em última instância, que o capital exerce sua principal forma de influência ideológica sobre os diversos campos de consciência dos agentes sociais, o que representa o controle político por via do consenso.

Aqui está a importância fundamental de se avançar na tarefa de determinar historicamente que aparelho ideológico de Estado desempenha a função dominante em cada uma das coordenadas atravessadas pela reprodução mundial do capital: fazer essa delimitação significa localizar, em cada formação social, qual é o principal bastião superestrutural que modela a consciência da força de trabalho em função das necessidades do programa de acumulação do valor de que se trata aqui.

III. OS MEIOS DOMINANTES DE DIFUSÃO DE MASSAS COMO OS PRINCIPAIS APARELHOS HEGEMÔNICOS DO ESTADO CAPITALISTA CONTEMPORÂNEO

Considerando o amplíssimo repertório de aparelhos ideológicos com que conta o Estado capitalista moderno para exercer sua política de legitimação e condução cultural de sociedade (sistemas educativos, organizações culturais, sistemas de igrejas, aparelhos sindicais, meios de difusão de massas, associações profissionais, conjunto de aparelhos jurídicos etc.), e sem negar a autonomia relativa que possui cada uma das frações em que se subdividem estes sistemas culturais e a íntima inter-relação dialética que existe entre um conjunto de aparelhos e os demais, pensamos que, atualmente, tanto nas zonas do capitalismo central como nas áreas do capitalismo periférico, os aparelhos ideológicos de maior potencial socializador para realizar e consolidar cotidianamente o bloco histórico dominante, em função das necessidades de existência e reprodução/transformação exigidas pelo capital em suas diversas conjunturas de desenvolvimento, são os meios dominantes de difusão de massa (imprensa, cinema) e muito especialmente os meios eletrônicos de difusão coletiva (televisão, rádio e novas tecnologias de comunicação).

Isto significa que, nas formações capitalistas contemporâneas, e em particular nas formações capitalistas dependentes da América Latina, devido, por um lado, aos avanços científicos conquistados pela indústria eletrônica (que ajudam a estreitar vertiginosamente o espaço

físico-temporal que a realização do circuito do modo de comunicação social requer) e, por outro, à recuperação e incorporação refuncionalizada de tais técnicas e avanços cibernéticos pelo Estado capitalista nacional e multinacional para afiançar e impulsionar seus projetos ampliados de desenvolvimento desigual, os meios de difusão coletiva converteram-se nos instrumentos mais eficientes para se obter cotidianamente, de forma massiva e quase intangível, a articulação da base material da formação histórica com sua superestrutura de organização e regulação social.

A primazia destes meios na articulação e consolidação desta relação estrutural pode ser observada, entre outros fatores, pela sua tríplice inserção orgânica no processo de reprodução fundamental da formação capitalista. Através da prática simbólico-cultural que os meios de difusão de massas operam, realizam-se simultaneamente três funções vertebrais requeridas pela estrutura global do sistema capitalista para existir e reinstalar-se como relação dominante dentro do conjunto de relações sociais que compõem a formação econômico-social. São elas: a) a aceleração do processo de circulação material das mercadorias; b) a inculcação da ideologia dominante; c) sua contribuição para a reprodução da qualificação da força de trabalho.

A. A aceleração do processo de circulação material das mercadorias

Uma primeira função estrutural que os aparelhos de difusão de massas desempenham na sociedade capitalista moderna é a operação econômica de acelerar o processo de circulação do capital. Isto significa que, através do discurso publicitário, pode-se catalisar substancialmente a fase do consumo massivo que o circuito do capital, em sua etapa contemporânea de reprodução ampliada, requer para reproduzir-se como capital produtivo (ou seja, para consolidar-se como processo de valor que gera valor a partir da mais-valia extraída da força de trabalho assalariada no processo de produção capitalista).

Desta forma, através da prática publicitária e de seu discurso consumista que os aparelhos de difusão de massas inculcam, reduz-se o tempo de rotação do capital, uma vez que a publicidade faz com que as mercadorias produzidas pela indústria capitalista sejam consumidas o mais depressa possível.

É desta maneira que se obtém uma primeira fase de realização do bloco histórico capitalista, pois articulam-se funcionalmente as diversas necessidades da produção, distribuição, intercâmbio e especialmente do consumo da base econômica dominante com as superestruturas de formas de consciência e de comportamentos, principalmente econômicos, que os múltiplos agentes sociais da formação histórica praticam. Com isso, obtém-se a integração eficaz de uma

das relações fundamentais do bloco histórico, que dá estabilidade harmônica ao funcionamento global do sistema capitalista: a integração economia-superestrutura cultural.

Portanto, constata-se desta perspectiva que os aparelhos de difusão de massas não operam como simples instituições de diversão, cultura ou educação, tampouco como instâncias informativas desvinculadas do processo de produção e reprodução da sociedade, como querem fazer parecer os setores monopólicos que os controlam. São aparelhos que, através de sua inserção orgânica no processo global de circulação das mercadorias, desempenham uma função medular no interior do processo de produção e reprodução da sociedade.

Em conseqüência, os aparelhos de difusão de massas não devem ser considerados como entidades complementares para a reprodução do sistema, mas como uma parte fundamental do capital constante que o processo de reprodução da sociedade capitalista em sua fase monopólico-industrial requer.

Esta tarefa não é realizada por nenhum outro aparelho de hegemonia. Ela é própria dos diversos meios dominantes de difusão de massas, principalmente em condições de crise econômico-social do circuito cultural em sentido amplo.

B. A inculcação da ideologia dominante

Uma segunda função orgânica desempenhada pelos aparelhos de difusão de massas no interior da estrutura social é a de converter a ideologia da classe no poder na principal ideologia dominante do conjunto social. Isto quer dizer que, simultânea e combinadamente ao processo de acumulação do capital, ocorre uma segunda fase de realização do bloco histórico a partir do momento em que os meios de massas, conservando sua característica "autonomia relativa" e sua propriedade de ser um campo aberto à luta de classes, produzem, transmitem e inculcam coletivamente as diversas ideologias dominantes e seus subconjuntos ideológicos de que necessitam as distintas classes e frações de classes, nacionais e estrangeiras, para consolidarem, através de seus respectivos mecanismos e projetos de fetichização da realidade, seus diversos programas de acumulação de capital.

Desta maneira, mediante um processo de legitimação contínua que os numerosos discursos da ideologia dominante realizam sobre as novas e diversas necessidades conjunturais que a dinâmica de reprodução/transformação do capital apresenta, articula-se a esfera material da sociedade com a superestrutura de formas de consciência político-sociais e de comportamentos amplos dos indivíduos. Assim, produz-se a harmonia social que a dinâmica de conservação da formação capitalista exige, de acordo com o grau de consolidação em que se efetua esta operação.

Esta função não é exclusiva dos meios de difusão de massas, sendo estendida ao conjunto dos aparelhos ideológicos do Estado capitalista que sustentam sua superestrutura cultural. O que é próprio e singular dos meios é a forma massiva, instantânea e de perfeição ideológica com que a exercem. Propriedades que, caracterizadas pelos aspectos que serão discutidos a seguir, os converteram nos principais aparelhos de hegemonia da atual sociedade civil do Estado capitalista.

1. Seu amplo raio de atuação ideológica

Uma primeira realidade que distingue a prática ideológica que os aparelhos de difusão de massas desempenham e que, em consequência, os transforma nos principais aparelhos de hegemonia do Estado capitalista moderno, é a ampla cobertura de sua atuação cultural. Diversamente do conjunto global de aparelhos ideológicos com que conta a formação capitalista, os meios de difusão de massas conseguem alcançar um raio de influência psicológica muito grande, particularmente os que operam com tecnologia eletrônica de transmissão discursiva.

Enquanto os sistemas escolares, sindicais, familiares, religiosos, políticos etc. dirigem-se como aparelhos ideológicos do Estado a diversos públicos reduzidos, que quase nunca alcançam a categoria ou nível de massas, os meios de difusão coletiva dirigem-se simultaneamente a uma multidão de setores constituída por milhões de receptores heterogêneos, ligados sincronicamente nas regiões e condições mais díspares e polarizadas que caracterizam a formação social de que se trata aqui. Desde o surgimento dos aparelhos de difusão de massas até seu atual estágio de desenvolvimento, seu raio de ação cultural sofreu uma crescente evolução histórica que lhes tem permitido alcançar gradualmente a maior cobertura ideológica de que se tenha registro no interior da sociedade civil contemporânea. Sua penetração tem sido tamanha que, em alguns casos apoiados na infraestrutura tecnológica de transmissão local (sistema regional de comunicações) e em outros na infra-estrutura material de difusão internacional (estrutura de satélites e microondas artificiais), os aparelhos de difusão coletiva conquistaram uma cobertura mundial que se estende a todo o planeta.

Esta superioridade de cobertura cultural dos meios, dentro do amálgama de aparelhos ideológicos com que conta a classe no poder, não somente é reconhecida pela análise sociológica crítica, mas também pela própria prática cultural que o conjunto de frações de classe no poder desenvolve. A rede cultural que sustenta cada aparelho ideológico, governado e orientado por alguma ou pela soma das classes dirigentes, não só recorre a seu próprio subsistema cultural (seja

o sistema escolar, o de igrejas, o dos partidos políticos, o de organizações jurídicas ou outro qualquer) para impor sua ideologia particular como ideologia nacional, como também cada conjunto de instituições ideológicas, sejam de natureza política, jurídica, educativa, religiosa, familiar, sindical etc., recorre aos meios de difusão de massas como extensões superestruturais que ampliam em grande escala as tarefas culturais específicas que têm que desempenhar.

Desta forma, todos os aparelhos ideológicos do Estado contemporâneo, em diferentes graus, estratégias e enfoques de classe, utilizam os meios de massas como prolongações técnicas de suas funções superestruturais particulares. Assim, o aparato ideológico escolar utiliza a televisão como continuação de sua ação “educativa” e dá origem à tele-educação dominante (por exemplo, a “tele-alfabetização de adultos”, a “tele-escola secundária” ou a “tele-introdução à universidade”). E o mesmo ocorre com outros meios, como o rádio (“alfabetização de camponeses pelo rádio”, “ensino técnico para jovens via rádio” etc.), o cinema e assim por diante.

O aparelho ideológico sindical, os aparelhos políticos, o sistema de igrejas, todos aproveitam as técnicas e instituições de difusão de massas para irradiarem coletivamente seus respectivos discursos dominantes para uma parcela mais ampla da população que seu próprio subsistema cultural não alcança.

Os aparelhos ideológicos do tipo jurídico, as organizações profissionais, as fundações culturais, todos eles também tendem a empregar os meios como instrumentos de propagação massiva de sua produção cultural. Com isto, podem lutar no campo da hegemonia para conquistar e conservar diversas posições de consenso que lhes permitam existir e reproduzir-se como dominantes através da ação ideológica.

Mas o emprego dos aparelhos de difusão de massas como extensões das práticas hegemônicas de cada fração governante não se dá apenas no interior de uma formação social específica. Graças aos mecanismos de transmissão simultânea e de difusão sequenciada por reprodução de originais, na fase transnacional do capitalismo monopolista ele também ocorre de fora da formação social onde atuam como dominantes. Com isso, desencadeia-se o fenômeno da “defasagem e sincronização cultural” que permite que as mais distantes e díspares superestruturas de consciência caiam unilateralmente, conectadas e afetadas pela dinâmica vertical de produção, circulação e inculcação cultural que o setor historicamente dirigente pratica através dos aparelhos de transmissão de massas a partir do seu pólo central. É este processo que, baseado prioritariamente na comunicação coletiva (especialmente em sua vertente eletrônica) e não em outro sistema de aparelhos culturais, deu origem, na etapa avançada do capitalismo monopolista, à formação dos aparelhos ideológicos do

Estado Multinacional. Através destes, os estados capitalistas centrais têm podido construir, na maior cobertura de consciência que a história contemporânea já registrou, seu projeto cultural de acumulação ampliada de capital.

Desta maneira, os meios de difusão de massas são empregados pelo conjunto de aparelhos de poder e aparelhos ideológicos do Estado moderno, como prolongações técnicas de natureza coletiva de suas diversas e singulares tarefas hegemônicas. Esta realidade significa que, de fato, os meios de difusão de massas, além de serem um vértice histórico da totalidade social, converteram-se em um vértice histórico do conjunto heterogêneo de aparelhos ideológicos do Estado capitalista ou da sociedade civil, pois, através deles, canalizam-se e refletem-se as tendências culturais fundamentais das classes dominantes que governam a formação social. Isto os converteu nos principais aparelhos de consenso expostos ao maior grau de contradições secundárias (contradições existentes ao nível interno da classe dominante) de toda a sociedade civil.

2. Sua grande capacidade de legitimação contínua e acelerada

Uma outra característica converte os meios de difusão de massas na grande vanguarda cultural do conjunto de aparelhos de hegemonia do Estado capitalista: a sua alta capacidade de transmissão discursiva contínua e acelerada. Esta faculdade se converte em veiculação instantânea de grande continuidade discursiva quando se trata de meios de difusão eletrônica, e em emissão veloz com difusão simbólica fracionada quando se trata de simples meios mecânicos de informação coletiva.

As duas qualidades de difusão ideológica representam, para fins de legitimação estrutural (particularmente nas formações capitalistas com agudas crises orgânicas, como é o caso da maioria das sociedades latino-americanas), os instrumentos superestruturais mais importantes, através dos quais a classe dirigente desenvolve sobre o campo da consciência dos diversos grupos sociais, espalhados dentro dos limites geográficos da ação cultural dos diferentes meios de difusão, seu maior poder de presença e persuasão psicológicas. Isto permite que se crie, tanto a nível nacional como a nível internacional, um consenso ideológico favorável para a reprodução estrutural do modo de produção capitalista.

Estas propriedades, complementadas com sua faculdade de ampla difusão de massas, convertem estes meios, em diversos graus segundo a instituição de que se trate (TV, rádio, cinema ou imprensa) e a conjuntura social em que atuam, nos mediadores técnicos mais rápidos para manter cotidianamente a estrutura e direção que se requer para a manutenção do bloco histórico capitalista como relação dominante.

E isto ocorre entre as mais diversas classes sociais e frações de classes. Assim, a partir destas propriedades, os meios de difusão de massas desempenham a função de vincular cotidianamente, em graus que variam da instantaneidade à periodicidade, os múltiplos campos de consciência que os numerosos agentes sociais apresentam com a direção política, econômica e cultural que a existência e reprodução habitual da sociedade global em que eles estão inseridos e sobre a qual atuam requer.

Desta forma, os aparelhos de difusão de massas, várias vezes ao dia (se não o tempo todo), atualizam e reatualizam o campo de consciência e de comportamento sociais em direção às coordenadas dinâmicas requeridas pelo projeto de dominação social. É a partir deles que o setor dirigente cria constantemente seu mais significativo projeto cultural de “nação”, de “pátria”, de “História”, numa idéia de participação social. Assim, constrói-se cotidianamente, em todos os níveis das formações ideológicas, a imagem da sociedade que se requer para assegurar as bases da reprodução e fetichização do projeto de acumulação do qual se trata aqui.

Embora seja certo que a atualização e a reatualização das coordenadas de reinstalação do capital se efetuam em geral através da “visão do mundo” e dos “modelos de vida funcionais” (produzidos por intelectuais especializados) transmitidos através de toda uma constelação de discursos, há dois tipos de produções discursivas que desempenham uma tarefa fundamental (função orgânica) no processo de reprodução das condições subjetivas que a reprodução do capital requer: o discurso noticioso e o discurso publicitário.

De um lado, o discurso noticioso, atrás do véu da “ideologia da informação objetiva” e da “ideologia do produto cultural mais relevante”, vincula permanentemente o campo de consciência dos agentes sociais com as coordenadas culturais, especialmente de ordem política, que o projeto de reprodução, expansão e legitimação do capital nacional e internacional requer. Com isto, as atitudes e comportamentos dos indivíduos recebem constantemente a orientação e direção adequadas ao projeto de dominação social que ampara o reino do capital.

De outro lado, o discurso publicitário, atrás da cortina da “ideologia da modernização social” e da “ideologia da liberdade de consumo”, permite cotidianamente, de forma constante e despercebida, a realização do ciclo de acumulação do capital, posto que ele obtém a rápida circulação e o ágil consumo massivo das mercadorias, elaborados sob condições de relações de exploração. Esta operação discursiva é o mecanismo mais favorável com que conta o projeto contemporâneo de realização do capital ao nível de circulação massiva das mercadorias, já que ele permite, num raio de influência coletiva, de um lado a consumação do capital como relação de valor que gera

valor e, ao mesmo tempo, a realização de um processo de fetichização das mercadorias que oculta seu processo de produção desigual. Estas duas conquistas do discurso publicitário permitem que se obtenha a reprodução da relação fundamental da sociedade capitalista: a subordinação da força de trabalho assalariada ao capital sob relações sociais de exploração.

Na verdade, estas duas áreas discursivas são os reguladores culturais de maior relevância estrutural, a partir dos quais os meios de difusão de massas contribuem, diariamente e de maneira muitas vezes despercebida, para a manutenção das relações dominantes de estabilidade e reprodução/transformação requeridas pelo bloco histórico capitalista: as relações de exploração capitalista e suas correspondentes relações de subordinação social.

Com esta grande capacidade de cobertura, rapidez e persuasão ideológica, a classe dirigente alcança, ao mesmo tempo, por um lado a transmissão e inculcação de sua constelação ideológica, e por outro um sólido poder hegemônico que lhe permite realizar amplas mobilizações sociais em favor da proteção de seus interesses dominantes, especialmente em torno dos programas políticos que tendam à conservação e reprodução conjuntural de seu sistema imperante. Com isto, cria e aplica permanentemente uma estratégia superestrutural de reatualização e adaptação da cultura dominante, que aponta para a superação ideológica das crises periódicas que seu princípio de desenvolvimento desigual e sua tendência de evolução irracional geram.

Em síntese, descobre-se que são estas propriedades históricas dos aparelhos de difusão de massas que fazem com que a classe e frações dirigentes os utilizem e os controlem em prol de seu projeto de dominação social. Só a partir de sua subordinação e sua capitalização política as classes hegemônicas podem controlar a direção cultural da sociedade. Se não fizerem isso, ficarão impossibilitadas de continuar existindo através do consenso como estratos dominantes.

3. Seu enorme poder de formação de consenso e de mobilização dos agentes sociais

Outra característica que, a partir do desenvolvimento e da consolidação das propriedades antes apontadas, converte os aparelhos de difusão de massas nos principais aparelhos ideológicos da atual luta cultural que se trava na sociedade civil contemporânea, é sua grande capacidade de criação do consenso coletivo e, em consequência, de mobilização dos agentes sociais. Se é verdade que, devido à dinâmica de persuasão controlada que se estabelece entre o professor-inculcador e o aluno-receptor (apresentação da ideologia seguida de avaliação de sua assimilação sob estrito controle e modificação e repetição do processo de ensino), o aparelho educativo possui

maiores vantagens para sensibilizar ideologicamente os campos de consciência dos agentes sociais, também é verdade que ele não pode provocar a disseminação e mobilização da consciência social de forma tão ampla, rápida e eficiente como o faz o conjunto de aparelhos de difusão de massas que integram o complexo global de comunicação e informação.

Sem concluir que a prática ideológica desenvolvida pelos aparelhos de difusão coletiva é uma atividade de inoculação mais completa que a efetuada pela escola ou que ela é uma prática persuasiva de natureza onipotente e automática, pode-se reconhecer que, não obstante todas as contradições ideológicas de caráter primário e secundário a que está exposta esta prática cultural e que variam segundo o aparelho de difusão de massas (TV, rádio, cinema, imprensa etc.) de que se trate, ela cria um sentido coletivo da realidade e da história que se instaura como o principal consenso social. Portanto, é a partir do aparelho global de difusão coletiva que a sociedade civil moderna adquire sua direção fundamental.

Na sociedade capitalista, esta tarefa de incitação social se realiza em duas direções básicas: a) na direção econômica exigida pela reprodução do processo nacional de produção capitalista e que busca induzir ao consumo dos bens para manter em movimento o processo geral de realização do capital; b) na direção político-cultural que a subsistência do capital requer e que pretende a criação do consenso necessário para conservar a ordem subjetiva exigida pela fase contemporânea que o programa de acumulação do capital atravessa.

Em conclusão, se é certo que a dinâmica de inculcação ideológica realizada pelo aparelho educativo é qualitativamente superior ao processo de socialização exercido pelo aparato de difusão de massas, também é certo que sua margem e flexibilidade cultural é inferior à do aparelho da cultura de massas. Este é o motivo pelo qual o trabalho de persuasão realizado pelos meios os converte nos principais aparelhos de socialização e consenso com que conta o Estado capitalista contemporâneo.

4. A prematura multissocialização da consciência dos agentes sociais

Uma quarta característica distingue a operação cultural desenvolvida pelos aparelhos de difusão de massas: é a sua capacidade de multissocializar cada vez mais os agentes sociais nas etapas mais elementares e primárias de seu desenvolvimento social. Com exceção da primeira via de socialização cultural que os indivíduos recebem mediante a operação de inculcação ideológica desenvolvida pelo aparelho familiar e que os culturaliza em função das necessidades internas deste aparelho, o que mais rapidamente registra seu impacto sobre o campo de consciência dos agentes históricos (bem antes da

escola, pelo menos desde as primeiras décadas deste século) é o aparelho de difusão de massas. Com o avanço tecnológico, amplia-se o marco ideológico de vinculação com o social a partir do momento em que se socializa a consciência dos homens em função dos diversos interesses e necessidades econômicas, políticas e sociais das frações de classe que controlam tais suportes de consenso.

Portanto, do ponto de vista do processo de socialização primária dos agentes sociais, percebe-se que até o final do século XIX ela se realizava através de duas redes principais: a do aparelho familiar e a do aparelho educativo. A partir da função de inculcação cultural que o aparelho familiar desempenha, observamos que o campo de consciência dos indivíduos só se torna coeso com uma estreita margem de realidades que abarcam prioritariamente os interesses particulares do núcleo familiar. Descarta-se, nesta fase, a vinculação direta com o conjunto de interesses e objetivos dos principais grupos sociais que compõem a formação social. Uma vez alcançado este primeiro momento, os indivíduos entravam em contato com a rede do aparelho escolar. A partir dela, o campo cultural dos sujeitos se incorpora a um raio de interesses mais amplos que é dado pela prática das classes e frações de classes que participam da tarefa pedagógica. Como, normalmente, no modo de produção capitalista, o aparelho escolar está controlado por setores das classes hegemônicas, este contato significa a coesão da consciência dos homens com os interesses das classes dominantes.

Mas no início do século XX, com a emergência dos primeiros emissores coletivos, os agentes sociais entram em um novo processo de socialização. Dependendo da classe social a que pertence o indivíduo, sua iniciação neste novo processo de socialização se dá entre a fase de ideologização operada pelo aparelho familiar e a fase de inculcação realizada pelo aparelho escolar e se prolonga por toda sua vida social. Com este novo processo de socialização, os indivíduos adquirem um novo e extenso panorama cultural que os vincula desde as idades mais prematuras de desenvolvimento pessoal aos interesses mais heterogêneos que coexistem no interior da superestrutura ideológica da formação social. Assim, numa formação social dependente, o campo de consciência dos sujeitos se torna coeso através da mediação do aparelho de comunicação de massas com interesses econômicos, políticos e culturais das diversas frações de classes financeiras, comerciais, burocráticas, industriais e agrárias, locais e estrangeiras, que coexistem simultaneamente nos limites da formação social.

Tudo isto nos leva a concluir que, no modo de produção capitalista, desde a mais tenra idade até os momentos mais maduros do desenvolvimento pessoal dos sujeitos, os aparelhos de difusão de massas controlados pela classe no poder operam como mediadores tecno-

lógicos que vinculam o processo de formação de sua consciência às muitas necessidades de reprodução do capital nacional e transnacional.

5. Sua permeabilidade de participação no projeto global da classe dirigente

Outro fator que contribui para que os meios de difusão de massas sejam os principais aparelhos de hegemonia da classe no poder é a grande capacidade de permeabilidade participativa que oferecem às diversas frações da classe dominante. Quer dizer: enquanto a igreja, a escola, os sindicatos, a família etc. são instituições de hegemonia que têm a tendência de expressar basicamente os interesses de uma só fração de classe dirigente, que é a que lhes dá vida, os meios de difusão de massas estão expostos a um grau maior de luta interna das classes dominantes do que o do resto dos aparelhos ideológicos do Estado capitalista.

Isto significa que, em uma formação capitalista dependente, tanto a burguesia comercial como a industrial, a financeira ou a burocrática, nacional ou estrangeira, encontram muita margem de participação superestrutural através dos aparelhos de consenso de massas para construir sua hegemonia de fração de classe no poder que requerem para legitimar-se e existir. Isto se deve a que, uma vez instalada a infraestrutura material que sustenta o processo de difusão de massas (instalação material dos emissores, conquista de um auditório cativo, ampliação de sua cobertura etc.), a única coisa que se exige destas frações de classe, para que possam transmitir massivamente sua ideologia, é que adquiram tempo ou espaço de difusão (segundo a natureza do meio) para veicular seus interesses particulares de classe e impô-los como necessidades gerais e prioritárias do conjunto social.

Esta mesma capacidade de permeabilidade a todos os interesses das classes dominantes não se dá com a mesma facilidade no resto dos aparelhos ideológicos de Estado. Embora seja certo que nenhum deles é monolítico, também é certo que cada aparelho, segundo sua constituição histórica, responde, com maior ou menor força, a uma tendência de classe central que é a que imprime o caráter básico da função estrutural que deve desempenhar.

Isto quer dizer que cada um dos demais aparelhos responde com maior ênfase à fração de classe que lhe dá vida e, em certo grau, reduz ou subordina a participação de outras frações de classe. O mesmo não ocorre com os meios de difusão de massas, inclusive pelo fato de que, dado o altíssimo custo de sua manutenção (em especial no caso dos eletrônicos), não se pode desprezar a participação econômica e, por conseguinte, política e cultural, de todas as frações de classe dominantes.

É esta situação que transforma os aparelhos de difusão de massas em permeável a todas as frações da classe dominante, o que implica a participação de toda a classe dirigente, local e estrangeira, no processo de reconstrução massiva da superestrutura de legitimação social. Em consequência, através da função que os meios desempenham, sempre é refletida a correlação de forças que se estabelece entre as diversas frações da classe dominante que participam do interior da sociedade civil do bloco histórico capitalista.

6. Seu hermetismo de ação ao projeto proletário

Por último, uma realidade mais ajuda a fazer dos meios de difusão de massas os principais aparelhos de hegemonia da formação capitalista: é seu forte grau de impermeabilidade à participação dos interesses dos setores subalternos. Isto significa que, devido ao alto custo de compra de tempo e espaço nos meios dominantes, os setores trabalhadores quase não têm possibilidades significativas de intervir na orientação da produção, transmissão e inculcação cultural que os meios hegemônicos efetuam e, menos ainda, de difundirem através deles seus múltiplos interesses.

Quando muito, o recurso principal de que dispõe o setor subalterno para participar da direção dos meios é sua pressão organizada como força de trabalho que os mantém em operação: seu direito de greve e de organização sindical. Mas diante desta alternativa, os funcionários da superestrutura cultural se encarregam de manter fortemente ideologizada e controlada esta força de trabalho, através de múltiplas reivindicações reformistas e de avançadas técnicas de relações públicas para evitar sua subversão.

Desta maneira, através dos fatores de controle primários e secundários que a classe dirigente aplica sobre os aparelhos de difusão de massas, a criação/transformação da superestrutura cultural cotidiana das formações capitalistas fica sob poder do setor dominante. Para a fração no poder, isto significa a subordinação política dos principais recursos superestruturais com que contam para impor sua visão do mundo e da história, sem contar com oposição de uma aguda luta de classes no interior desses meios por parte do setor subalterno. A comunicação de massas se constitui, assim, no fator principal da superestrutura cultural que cotidianamente o bloco histórico capitalista realiza em sua maior cobertura social. Em consequência, é necessário decodificá-la dentro de seu "habitat natural": a totalidade social.

C. A reprodução da qualificação da força de trabalho

Uma terceira função — até aqui não registrada por nenhum dos trabalhos marxistas e da sociologia crítica da comunicação cole-

tiva, e que atualmente desempenha uma tarefa ainda pouco estrutural, mas que cada dia adquire uma posição mais orgânica dentro do processo de reprodução capitalista e da coesão da estrutura social — é a que exercem os aparelhos de difusão de massas desde a década de 50 no capitalismo central e desde 1960 em suas zonas periféricas, que consiste em contribuir para a reprodução da formação qualitativa da força de trabalho. Diferentemente da crença que sustenta a tradição marxista, através da qual se apresenta a escola como o único aparelho relevante que reproduz a qualificação da força de trabalho, nós pensamos que, devido ao desenvolvimento tecnológico, especialmente de caráter eletrônico, o sistema de aparelhos de informação de massas tem efetuado cada vez mais esta tarefa, embora ainda tenha conseguido suplantar o aparelho escolar (pelo menos até o período 1970-1980).

Isto significa que, devido às necessidades de adaptação que a dinâmica de reprodução capitalista tem exigido do aparelho escolar desde o início do século XX, tem havido uma tendência de se recorrer ao aparato global de difusão de massas como sua principal prolongação técnica, através da qual se executam, em escala ampliada, as funções específicas da escola capitalista: a inculcação de ideologia dominante e a formação da força de trabalho. As características dos aparelhos de difusão de massas anteriormente citadas fazem com que haja esta tendência do aparelho escolar, diante da necessidade de atender às novas exigências da acumulação do capital em sua moderna fase de concentração de valor.

Desta maneira, devido particularmente à crescente demanda educativa que fixa o desenvolvimento das forças produtivas, à inadequada habilitação de professores pelo sistema educativo tradicional, à insuficiência do aparelho escolar para cobrir o incessante volume de educação imposto pelo crescimento da população, à periódica necessidade de inculcar uma nova ideologia funcional diante das distintas conjunturas sociais e às contínuas exigências do aparelho produtivo de se obter rendimentos educacionais mais elevados, os intelectuais dominantes, encarregados de vigiar a funcionalidade estrutural da sociedade civil, sob distintas formas e graus de aplicação, paulatinamente vêm prolongando as tarefas da escola até o aparelho global de difusão coletiva e, muito especialmente, a televisão.

Dentre o grande número de exemplos que se pode observar neste sentido, destaca-se no capitalismo central o caso dos Estados Unidos e, no capitalismo periférico, os casos de México, Brasil, Argentina, Peru, Chile, Equador, Honduras, República Dominicana, Venezuela, Colômbia e Índia, cada um dos quais se instrumentando com modalidades distintas de prolongamento do aparato escolar até o terreno da informação de massas.

Em síntese, entre as diversas propriedades históricas que a indústria da comunicação de massas conquistou no capitalismo avançado, está uma que significa sua colaboração substancial para o processo de qualificação da força de trabalho. Potencial que constantemente se incrementa com o vertiginoso desenvolvimento que o capital opera sobre a indústria eletrônica, a cibernética e a comunicação espacial.

IV. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Da análise efetuada anteriormente da tríplice inserção orgânica realizada pelo aparelho global da cultura de massas no processo de produção e reprodução do modo de produção capitalista, depreendem-se as seguintes conclusões:

A. A partir desta tríplice inserção estrutural que os aparelhos de difusão de massas efetuam, eles contribuem substancialmente para construir cotidianamente o bloco histórico do capitalismo contemporâneo em duas de suas facetas fundamentais: sua articulação economia-cultura, com fins de reprodução do processo produtivo, e sua articulação economia-cultura, com fins de legitimação política do projeto de acumulação de capital de que se trata.

No primeiro caso, os aparelhos de difusão de massas, através de sua operação econômica de acelerar o processo de circulação-produção de mercadorias, tornam coesas a manufatura, transmissão e inculcação de sua cultura de massas com a necessidade de consumo de mercadorias. Colocam em uma relação de funcionalidade recíproca o processo de produção e consumo dos bens materiais com o circuito da produção e consumo dos bens culturais. Operam, assim, como articuladores orgânicos das necessidades de produção e circulação do processo produtivo contemporâneo com as direções culturais que a sociedade civil adota em suas transmissões para as massas.

Por outro lado, dentro desta mesma perspectiva, observamos que a recente tendência que alguns aparelhos de difusão coletiva têm começado a manifestar no sentido de participar no processo de reprodução da qualificação da força de trabalho os converteu em instrumentos de uma nova coesão estrutural: vinculam as necessidades que a reprodução cada vez mais especializada da força de trabalho requer com as diretrizes que a cultura de massas adota em sua "versão educativa". Através destas duas funções, economia e cultura ficam organicamente coesas em função das necessidades que a dinâmica de acumulação do capital exige.

No segundo caso, os aparelhos de difusão de massas constroem permanentemente o bloco histórico capitalista desde o momento em que vinculam, com grande abrangência e rapidez, as ne-

cessidades políticas da reprodução do capital com seu processo de legitimação cultural. Através deles, realiza-se a principal tendência da opinião pública do capitalismo contemporâneo, que se traduz na principal força de consenso social que mobiliza econômica e politicamente os agentes sociais em função das necessidades de reinstalação do capital. Isto tem permitido que, por mediação dos aparelhos de massas, o Estado capitalista implante seu mais relevante projeto cultural de nação, de consciência e de participação política que a direção e a reprodução hegemônica de cada conjuntura da formação capitalista exigem.

Desta maneira, devido às propriedades materiais e sociais que os aparelhos de difusão de massas conquistaram em sua etapa de desenvolvimento avançado e de organização histórica avançada, eles se converteram nas pontas culturais mais avançadas, através das quais as múltiplas classes e frações de classes dominantes da formação capitalista obtêm a realização de seus principais interesses e funções ideológicas. Isto tem feito com que, no presente, todo setor ascendente que tenda a transformar-se e conservar-se como dominante, quer dizer, que pretenda impor sua concepção particular da sociedade como concepção imperante, requeira o acesso permanente aos aparelhos de difusão coletiva.

Desta forma, convertem-se nos principais suportes de consenso do Estado capitalista contemporâneo, por intermédio dos quais se refletem os interesses fundamentais que são indispensáveis para a reprodução dos estratos dominantes. Operam, assim, como um vértice histórico do setor dirigente no qual aparecem os interesses e necessidades econômico-político-culturais prioritárias do bloco no poder. Portanto, são instâncias ideológicas através das quais se evidenciam as principais contradições secundárias (antagonismos existentes no interior das classes no poder) que revelam a correlação de forças existente em cada conjuntura por que passa o grupo no poder.

É por isso que, assim como em outras fases da história, a classe dominante teve que controlar o principal aparelho de hegemonia para governar como setor dirigente (no modo de produção mercantil, subordina a si a tarefa de escrituração e sua difusão; no modo de produção feudal, controla a igreja e sua prática ideológica; na etapa do capitalismo pré-monopolista, controla a escola), na fase contemporânea, ela está obrigada a controlar o aparelho de difusão de massas e seus subsistemas de comunicação: satélites, informática e cibernética. Na verdade, a classe dirigente pode não ter controle sobre o aparelho religioso, o aparelho educativo e outras redes menores de socialização cultural, mas não pode deixar de ter controle sobre o aparelho de cultura de massas, indispensável estruturalmente para ela permanecer como dirigente. Se não o fizer, perde a direção política da sociedade e, com isso, sua hegemonia de setor no poder.

São estas as três propriedades estruturais e as peculiaridades com que elas se concretizam. Por causa delas, os aparelhos de difusão de massas converteram-se nos principais aparelhos ideológicos do Estado capitalista contemporâneo. Por isto, eles se transformam cada vez mais em entidades orgânicas para o funcionamento do modo de produção capitalista em sua fase monopolista e em instâncias que só podem transformar-se com a mudança geral da estrutura social.

B. Em conseqüência, o conhecimento e a descrição de todo o contorno histórico anterior nos leva a compreender que a atual discussão sobre a nova ordem informativa e as políticas nacionais de comunicação não é um simples debate superestrutural sobre algumas das instituições culturais que mais têm se destacado por sua função modernizante na história atual. Mas, pelo contrário, que, devido à tríplice inserção orgânica que o aparelho da cultura de massas opera no interior da estrutura da sociedade capitalista, no fundo da polêmica o que se questiona é a transformação de três funções vertebrais da sociedade que se realizam por intermédio dos meios de massas.

Neste sentido, o projeto da nova ordem informativa, ao defender a transformação da atual estrutura comunicativa dominante, está afetando, no fundo, em primeiro lugar, a esfera econômica da sociedade capitalista, uma vez que uma modificação na cultura de massas afeta o processo de circulação das mercadorias e, com isso, a dinâmica geral da produção. Com isto, as bases materiais que sustentam a sociedade também serão afetadas. Daí a necessidade de que a nova ordem informativa conte também com um novo programa da ordem econômica nacional e mundial.

Em segundo lugar, o que também se afeta é a redistribuição da hegemonia e, portanto, a redistribuição das áreas de influência do poder nacional e internacional. Isto, novamente, obriga a que o processo da nova ordem informativa seja assimilado e acompanhado de uma nova alternativa de prática política.

E, em terceiro lugar, é afetada a direção do consenso dominante a partir do momento em que o que se propõe é a democratização dos aparelhos de difusão de massas e do processo cultural em sentido amplo. Isto igualmente demanda que a nova ordem de informação internacional substitua a transformação do consenso prevalecente pela construção de uma nova "direção moral da sociedade".

Em uma idéia, o que deve estar presente no fundo da polêmica da nova ordem informativa e da criação de novas políticas nacionais de comunicação é a luta pela criação de um novo projeto de sociedade.

(Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva)

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação

Câmara Brasileira do Livro, SP

C739 Comunicação, hegemonia e contra-informação / Carlos Eduardo Lins da Silva, coordenador. -- São Paulo : Cortez : INTERCOM, 1982.

"Contribuições apresentadas ao IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, promovido pela INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em setembro de 1981, no município de São Paulo".
Bibliografia.

1. Comunicação - Aspectos sociais 2. Comunicação - Aspectos sociais - Brasil I. Silva, Carlos Eduardo Lins da. II. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

17. CDD-301.2

18. -301.14

17. -301.2981

18. -301.140981

82-0867

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Comunicação : Sociologia 301.2981 (17.)
301.140981 (18.)
2. Comunicação : Sociologia 301.2 (17.) 301.14 (18.)